



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM ESPANHOL**

RENALLY KAMILLAH YNNAIÃNH BATISTA MARTINS BEZERRA DA SILVA

**A PRESENÇA DA CHUVA NAS NARRATIVAS CONDEANAS DE SANTA RITA –
CONTOS QUE SE INTERPENETRAM**

**CAMPINA GRANDE
2016**

RENALLY KAMILLAH YNNAIÃNH BATISTA MARTINS BEZERRA DA SILVA

**A PRESENÇA DA CHUVA NAS NARRATIVAS CONDEANAS DE SANTA RITA –
CONTOS QUE SE INTERPENETRAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras com habilitação em Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Espanhol.
Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Edson Tavares Costa

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Renally Kamillah Ynnaiãnh Batista Martins Bezerra da
A presença da chuva nas narrativas condeanas de Santa Rita
[manuscrito] : contos que se interpenetram / Renally Kamillah
Ynnaiãnh Batista Martins Bezerra da Silva. - 2016.
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de
Letras e Artes".

1.Chuvas. 2.José Condé. 3.Discussão literária. I. Título.

21. ed. CDD 372.6561

RENALLY KAMILLAH YNNAIÂN BATISTA MARTINS BEZERRA DA SILVA

**A PRESENÇA DA CHUVA NAS NARRATIVAS CONDEANAS DE SANTA
RITA – CONTOS QUE SE INTERPENETRAM**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo, elaborado como requisito avaliativo à obtenção do título de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba/Campus I.

Aprovada em: 18/10/2016


BANCA EXAMINADORA

NOTA


Prof. Dr. Edson Tavares Costa (Orientador)

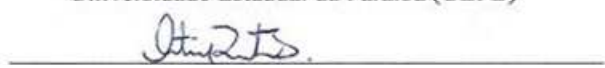
10.0

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Dr.ª Geralda Medeiros Nóbrega

10.0

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Dr.ª Cristina Bongestab

10.0

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

10.0

À memória de Severina Maria de Lucena, minha avó Sevy, que
em meu coração sempre viverá.

AGRADECIMENTOS

Ao agradecer, sempre corremos o risco de esquecer alguém que contribuiu para a realização do trabalho. Portanto, sem citar nomes, agradeço imensamente ao meu orientador, que assumiu o papel de um pai, e suportou minha desorientação. À banca avaliadora, pela disponibilidade e atenção. Aos meus amigos e amigas, por proporcionarem a diversão necessária para que não houvesse crises existenciais, às quais todos estão sujeitos em um processo criativo. À minha família, os de sangue e os que escolhi, pois são pilares de minha existência. Agradeço, por fim, a todas as forças do universo que me permitiram chegar até aqui; eu nada seria sem o impulso vital de abrir os olhos todos os dias.

Muito obrigada!

O mato – vizinha mansa – aeiouava.
Guimarães Rosa

A PRESENÇA DA CHUVA NAS NARRATIVAS CONDEANAS DE SANTA RITA – CONTOS QUE SE INTERPENETRAM

SILVA, Renally Kamillah Ynnaiãnh Batista Martins Bezerra da¹

COSTA, Edson Tavares²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo mergulhar na obra de José Condé para compreender a materialização dos devaneios proporcionados pelas chuvas na condensação emocional de sua narrativa. Analisando a obra *Santa Rita: Histórias da Cidade Morta e Os Dias Antigos*, publicado em 1961, é possível denotar o *elemento intensificador* que proporciona movimentação cênica, atribuindo a este elemento da natureza um caráter transformador, pois é responsável por sinalizar a sentimentalidade, a poética e o existencialismo, através da subjetividade dos personagens e do próprio cenário, cada vez mais decadente, em que estão inseridos os moradores desta cidade imaginária. As chuvas possibilitam um passeio pelo imaginário do escritor, tendo como pano de fundo da narrativa os reflexos pós Lei Áurea. Fica nítido que o índice pluviométrico foi eleito por Condé como recurso estilístico em sua obra. Demonstrar a importância da presença da chuva como elemento estrutural na narrativa é, para além da aproximação deste autor ao âmbito das discussões literárias, um levante quantitativo da força e presença deste recurso na tonicidade dos contos e na costura do enredo. Esta discussão acerca da narrativa condeana possui a chancela teórica de autores como Florestan Fernandes (2008), Antonio Candido (2000) e Gaston Bachelard (1989), entre outros, que tornam possível a contribuição deste trabalho para a formação da fortuna crítica do escritor pernambucano José Condé.

PALAVRAS-CHAVE: Chuvas. José Condé. Discussão literária.

¹ Graduanda em Letras com habilitação em Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba. renallyluna@gmail.com

² Professor Orientador – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I. edsontavares5@hotmail.com

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo zambullirse en la obra de José Condé para comprender la materialización de los devaneos proporcionados por las lluvias en la condensación emocional de su narrativa. En análisis a la obra *Santa Rita: Histórias da cidade morta e Os dias antigos*, publicada en 1961, es posible denotar el *elemento intensificador* que proporciona movilidad escénica, atribuyendo a este elemento de la naturaleza un carácter transformador pues es responsable por señalar la sentimentalidad, la poética y el existencialismo, a través de la subjetividad de los personajes y del propio escenario, cada vez más decadente, en que están insertados los vivientes de esta ciudad imaginaria. Las lluvias posibilitan un paseo por el imaginario del escritor, teniendo como fondo de la narrativa los reflejos tras ley Aurea. Se queda claro que el índice pluviométrico fue elegido por Condé como recurso estilístico en su obra. Demostrar la importancia de la presencia de la lluvia como elemento estructural en la narrativa es, además de la aproximación de este autor al ámbito de las discusiones literarias, un levante cuantitativo de la fuerza y presencia de este recurso en la tonicidad de los cuentos y en la costura del enredo. Esta discusión acerca de la narrativa condeana posee sello teórico de autores como Florestan Fernandes (2008), Antonio Candido (2000) y Gaston Bachelard (1989), entre otros, que posibilitan la contribución de este trabajo para la formación de la fortuna crítica del escritor *pernambucano* José Condé.

PALABRAS CLAVE: Lluvias. José Condé. Discusión literaria.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	DESENVOLVIMENTO.....	14
2.1	As chuvas na obra <i>Santa Rita</i>	14
2.1.1	<i>João</i>	15
2.1.2	<i>O Negro</i>	18
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

Introdução

A presença da chuva é fator de importância significativa, almejado e proclamado por figuras não apenas literárias, não somente fictícias. Este fenômeno está presente nos mais diversos âmbitos, seja nas artes, de uma forma geral, na literatura, mais especificamente, ou mesmo na História da humanidade. Os índios norte-americanos, por exemplo, praticavam rituais que, supostamente, poderiam mudar o curso das águas. A *dança da chuva* ficou conhecida por ser executada em determinadas comunidades indígenas, com o intuito de provocar chuvas, a fim de irrigar a lavoura. Diversas culturas desenvolveram formas de exaltar essa *significância chuvosa*, e, trazendo para mais próximo, mirando as terras que viram nascer o escritor José Condé, o índice pluviométrico interessa também aos nordestinos, sobretudo sertanejos, que possuem em sua História, marcas de um tempo assolado pelas secas.

A magnitude deste fenômeno é também sentida pelo escritor José Condé que, no intuito de intensificar narrativamente determinados pontos nos contos, constrói o enredo utilizando estrategicamente as chuvas. Primordial para a vida humana, e envolta por misticismos, as chuvas são o elemento que Condé elegeu para causar transição cênica, para mobilizar acontecimentos, pessoas e sentimentos, que compõem o enredo da história. Portanto, as águas projetam uma referência que os personagens são sujeitos a ultrapassar, determinando maior ou menor influência em toda a narrativa.

Candido (2011, p. 30), aponta o papel social da literatura, enquanto arte, e mostra o que poderíamos definir como resultado da utilização de um elemento da natureza na construção social e psicológica dos personagens presentes nos contos de *Santa Rita*: “(...) produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.” Ou seja, a chuva, na narrativa condeana, é responsável por sugerir melancolia aos seres, é responsável pelo seu mergulho existencial, seja na sua própria condição de vida, seja no ambiente em que vive.

São essas águas que acolhem o personagem, envolve-o, nutre-o como um leite materno; águas que, ao ganhar violência e partir para uma influência generalizada em tempo e espaço, atingindo todos os componentes da narrativa, provoca uma submersão em aspectos substanciais para a movimentação cênica. Um mergulho em um rio não é apenas um corpo se molhando, e sim uma imersão em sua condição sentimental enquanto ser. A literatura, sobretudo a narrativa condeana, é imprescindível para a “união do indivíduo com o todo;

reflete a infinita capacidade para a associação, para compartilhar experiências e ideias” (FISCHER, 1963, p.11).

Levando em consideração a origem geográfica do autor de *Santa Rita*, podemos hipotetizar que sua relação com as chuvas era intimista e seu conhecimento empírico. Natural de terras pernambucanas, o seu Estado é um dos que sofrem com a ausência de chuvas. Com a Resolução nº 11.135, de 19 de Dezembro de 1997, o Conselho Deliberativo da SUDENE cataloga 1.348 municípios que fazem parte do Polígono das Secas, nome dado a esta região por estar sujeita a períodos de estiagens prolongadas, possuindo Pernambuco 145 municípios nesta localização. O que corresponde a mais de 70% do total dos municípios pernambucanos situados na região do semiárido nordestino.

É característica do Nordeste brasileiro estar suscetível a secas frequentes, por ser uma região de chuvas irregulares e mal distribuídas geograficamente. Infelizmente, a redução desta problemática encontra-se, por ora, negligenciada, já que o governo quase não investe em perenização de rios e construção de barragens, e também não há a prática de agricultura irrigada, que se utiliza do controle no fornecimento de água para a plantação, em determinada quantidade e momento.

A esperança está voltada para a conclusão da transposição do Rio São Francisco. Por muito tempo, falou-se desse projeto, mas as polêmicas em torno da obra e também o medo de afetar um dos rios mais importantes do Brasil retardaram esse processo. O “Velho Chico”, como é carinhosamente chamado pelos ribeirinhos, nasce no Estado de Minas Gerais, e deságua no mar, nas proximidades de Sergipe e Alagoas. O projeto de transposição³ pretende retirar 26,4 m³/s do São Francisco e abastecer cidades situadas nas regiões secas e semiáridas do Nordeste brasileiro, no intuito de reduzir os efeitos causados pelas secas. Essa quantidade equivale a 1,4% da vazão da barragem de Sobradinho, isto é, pouco mais de 1% da água que desaguaria no Oceano Atlântico será deslocada para consumo humano.

A polêmica acontece devido vários fatores e opiniões divergentes; o que mais chama a atenção é que já existem obras iniciadas, de menor porte, nessas regiões, e continuam inconclusas por conta de questões administrativas. Além disso, a grande preocupação é voltada para o uso da água transportada; teme-se que o agronegócio, através de seus grandes latifúndios, utilize toda a água da população para irrigar a plantação capitalista. Mesmo sendo um investimento bilionário, o Projeto de Integração do São Francisco com as Bacias

³ Para maiores detalhes, ver Resolução nº 412, de 22 de Setembro de 2005, da Agência Nacional das Águas (ANA).

Hidrográficas do Nordeste Setentrional não é solução completa, já que a seca é uma característica dos períodos de estiagem prolongada em regiões do Nordeste brasileiro.

No Brasil, desde 1580, há sofrimento com grandes secas atingindo o sertão. Os primeiros relatos de que temos notícia datam de 1580/1583, quando o P^o. Fernão Cardim, autor de obras que muito relatam sobre a realidade do Brasil colonial, diz que “houve uma grande seca e esterilidade nesta província (...). Houve grande fome, principalmente no sertão de Pernambuco, pelo que desceram do sertão apertados pela fome, socorrendo-se aos brancos, quatro ou cinco mil índios” (CARDIM, 2015, p. 91).

Ainda dois anos antes de José Condé nascer (1915), o Nordeste vivenciara uma seca arrasadora, imortalizada na literatura através da obra *O Quinze*, da cearense Rachel de Queiroz:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão. Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina, afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo. (QUEIROZ, 2016, p.14-15)

O escritor pertence, portanto, a uma população cuja maior parte sofria com as problemáticas pluviométricas, embora não tenha sido pessoalmente atingido, já que morava na cidade de Caruaru, e pertencia a família de posses tal qual a autora do Ceará. Mas, se o ambiente influencia e inspira o homem-escritor, e se na natureza todas as coisas se interconectam de alguma maneira, José Condé, naturalmente, proclama suas raízes, em aspectos presentes em suas obras.

A chuva, ao cair, depois de meses sem aparecer, talvez pareça insignificante, ou até mesmo incômoda e/ou demasiada, para quem não sofre diretamente os efeitos de sua ausência, mas, ante as necessidades da população sertaneja, para quem, através da água, torna-se possível a mínima qualidade de vida, esta precipitação pluviométrica dá vazão à alegria de um povo desesperançado, que vive na eterna incerteza de executar o seu ofício de agricultura, de ver o gado saciando a sede e a plantação florescendo; trazendo, desta forma, a perspectiva de um ano bom, com a subsistência necessária. Sob estas condições, determinado

acontecimento transforma-se em circunstância e causa de poesia, pelo fato de representar para o povo daquela região algo singularmente prezado, criando-se, assim, o clima adequado para o impacto emocional e lúdico da trama. Em consonância com as ideias de Braga (2012, p.31), o texto literário é uma projeção de voz e visibilidade do outro, aquele com quem compartilhamos a existência no mesmo ambiente e também em espaços distintos:

Além da leitura literária proporcionar uma esfera de criação e recriação, oferece também uma forma de acesso a uma experiência de alteridade, pois a partir do encontro que o leitor estabelece com um texto literário, terá a oportunidade de se identificar com o que lê e regressar ao mundo referencial marcado pela presença do “outro”, representado pelo texto lido, que poderá ressonar por um tempo indeterminado em sua mente, como também, por meio de uma invocação, dialogar com outras leituras, anteriores e posteriores e, assim, sucessivamente.

É através da chuva que inúmeros sentimentos são colocados aos personagens, deixando-os suscetíveis às reflexões de tempo e espaço. A chuva, enquanto fenômeno da natureza tem uma força arrasadora, tanto para destruir elementos que não estejam firmes ao chão, quanto para dar vida às espécies que esperam um pouco de água para desenvolver seus nutrientes e crescerem. Tão determinante e influente, essa chuva ganha sinônimo de intensidade às emoções, na narrativa condeana. Embora pouco tempo tenha vivido em terras pernambucanas, Condé traz à tona uma conotação poética, mística e, acima de tudo, social, ao utilizar-se de um elemento da natureza, tão valorizado em suas terras, para condicionar os aspectos de intensidade em sua narrativa.

É possível encontrar algumas referências a fenômenos naturais no histórico literário, sobretudo do Romantismo, onde a natureza ganha uma conotação libertária ante a civilização opressora, deixando de ser apenas cenário para estabelecer relação direta com o *eu romântico*. Entretanto estabelecer as chuvas como fator influente por toda a obra, e não somente em um conto específico, atribuindo a este fenômeno a mobilização cênica e influência na subjetividade dos personagens, é uma estratégia condeana que merece ser reconhecida.

Condé adota este elemento (chuva) como símbolo marcante na constituição de sua obra, atribuindo-o a sentimentos de nostalgia, medo, insegurança, entre outros que possibilitam reflexões. O presente artigo tem a intenção de mergulhar na obra de José Condé, para compreender a materialização dos devaneios proporcionados pelo fator pluviométrico. Tendo como pano de fundo os anos que sucederam à Lei Áurea, a cidade imaginária de Santa Rita vivencia, cada vez mais, a decadência do modelo de produção escravocrata, além da ausência de prosperidade econômica de outrora. As chuvas servem como elemento

intensificador à estrutura emocional da narrativa, proporcionando uma imersão nas crises existenciais dos personagens e a memória de dias antigos da própria cidade.

As chuvas na obra *Santa Rita*

Já no primeiro conto da edição compilada de *Santa Rita: Histórias da cidade morta e Os dias antigos*, “O regresso”, a chuva aparece como elemento de transição de cena e de cenário, provocando um mergulho nas lembranças dos personagens, que vivenciam o fenômeno, permitindo sentimentos como a nostalgia, por exemplo. O personagem narrador relata que, ao retornar para a cidade de Santa Rita, vinte anos após sua saída, encontrara tudo igual: a cidade, a estrada, o tempo, incluindo a casa de sua amada Catarina, filha do Coronel. “Atravessamos a sala onde tudo era como antigamente: os móveis de jacarandá, o espelho de cristal, os quadros.” (CONDÉ, 1977, p.16)

Repentinamente, o clima no local se modifica. Os ventos, que outrora eram brisa leve e passageira, tornam-se ventania forte, seguida de temporal violento, que ainda perdura, embora como garoa, na manhã seguinte. Esse vento, portanto, aparece quando já não há mais diálogo, o personagem-narrador está refletindo sobre os motivos que o levaram ao local em que está. O vento que precede a chuva age como demarcador da plasticidade do cenário, permitindo ajustar-se ao que é apresentado no decorrer da história. Quando ganha força, a chuva vira metáfora para a desconstrução de todo o cenário já apresentado, transforma-o num espaço decadente e sombrio, destruído pela impetuosidade dos tempos mortos, representados na chuva.

Ao amanhecer, o personagem percebe que a água lavara o que, no dia anterior, era realidade palpável e lembrança de um tempo bom. Como no dilúvio bíblico, o cenário se modificou e nada mais se encontrava como na lembrança do personagem. Esta é a primeira aparição deste elemento de força natural, cujo uso Condé não economiza em seus contos. Agora restava “somente mato e pedras, por onde a chuva escorria lentamente como se caísse sobre túmulos” (CONDÉ, 1977, p. 17)

Em outro dos contos, que nos interessa para uma análise mais aprofundada, este fator da natureza possui significância semelhante. O conto “João” levanta a discussão dos limites da amizade, frente aos conceitos de moral e ética. Os valores que orientam o convívio em sociedade colidiram com as convenções estabelecidas pela própria sociedade. E o que demarca esse conflito, proporcionando o fluxo emotivo da trama, é o elemento chuva. É

depois de sua passagem pela história que os personagens têm atitudes que questionam esses conceitos, como se esse elemento natural provocasse uma perturbação no íntimo de tais seres.

João está fugindo. É bem provável que tenha cometido algum crime, possivelmente bárbaro, já que pode ser um negro sem sapato jogado na *rua da amargura* social; entretanto o crime é mera especulação do leitor. Somos nós que atribuímos o status de fora da lei ao João, pelo fato de ele estar fugindo. Ao pedir ajuda, na casa de seu amigo Juvêncio, este se recusa a colaborar, alegando possuir “mulher e três filhos”, e ainda aconselha que o amigo foragido continue fugindo. João insiste e Juvêncio o acolhe em sua casa, não de muito grado e com bastante peso na consciência. Ao deitar, o anfitrião não consegue encontrar-se com o sono e sua consciência lateja, incomodando, fazendo-o dirigir-se à delegacia, passando por cima de todos os tratados amistosos, exaltando a covardia e o medo de um amanhecer inseguro, que poderia direcionar a ele o mesmo destino que teve João. Entrega para a polícia o paradeiro do procurado, sem qualquer remorso pela amizade dos dois, e retorna para casa, esperando as devidas providências que chegariam mais cedo ou mais tarde.

Neste momento, o ápice do conto é iminente, o conflito já está exposto e a resolução virá em seguida. Podemos ter certeza destas informações porque o parágrafo seguinte inicia apresentando a “inesperada chuva do entardecer” (CONDÉ, 1977, p. 33). Essa chuva repentina é responsável por dispersar os grupos de curiosos que se aglomeravam em frente à cadeia, esperando algum grande acontecimento, como se, por um momento, a coletividade não combinasse com as águas – separar os indivíduos é uma maneira de possibilitar a introspecção. O fim que recebeu João é evidente: a polícia o encontra, ele tenta fugir; após alguns disparos, morre alvejado. A chuva, ao aparecer, permite variadas leituras para os acontecimentos que surgem após sua presença. Por ora, pode representar as lágrimas derramadas, tanto pelo amigo fugitivo, quanto pelo amigo covarde. E ainda faz alusão ao adágio corriqueiro “o tempo fechou”, simbolizando coisa ruim, desagrados por vir.

Frente a esta dualidade, a melancolia e a intensidade cênica são fator causal nítido, e o peso desse elemento da natureza, na estrutura da narrativa e na construção de seu impacto literário é notável. Existem aqueles que dormem ao som da chuva, outros que se concentram melhor, sentem-se melhor, ou ainda aqueles que procuram refletir mais. Talvez, na subjetividade de Juvêncio, o barulho das águas, o cheiro da terra molhada ou somente saber que choveu, tenha injetado nele certo rancor ou culpa pelo ato (quicá traíçoeiro) cometido. A atmosfera tensa criada após a chuva possibilita o surgimento desse tipo de sentimento. A prova disto surge com o desespero cometido a ele, ao saber da morte do amigo; a irritação ao ouvir outro personagem (Satu) comentando o acontecido, ou melhor, a quase pronúncia de

alguma palavra ante a face do cadáver, ao final do conto, seria um pedido de perdão? Nunca saberemos.

A obra *Santa Rita* não se apega necessariamente a um cunho de ordem política, ou faz apologia a partidarismo; entretanto é perceptível o pano de fundo que dá contexto às narrativas. Localiza-se num período conturbado da História socioeconômica brasileira, devido às reviravoltas no cenário político, a partir da perspectiva de como ocorreu a abolição da escravatura, sem propor soluções mínimas, como uma reforma agrária, por exemplo. Esta teria sido a melhor opção no que diz respeito à assistência para os ex-cativos. Ao serem retirados das condições de dependência e submissão, receber a liberdade famosa e desconhecida não significava saber lidar com essa realidade. Muitos tiveram como direção a marginalização, já que a assistência mínima para reconstruir uma vida em sociedade não lhes foi outorgada, como bem aponta Florestan Fernandes (2008, p.30):

A preocupação pelo destino do escravo se mantivera em foco enquanto se ligou a ele o futuro da lavoura. Ela aparece nos vários projetos que visaram regular, legalmente, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, desde 1823 até a assinatura da Lei Áurea, a 13 de maio de 1888. Como expediente para manter os escravos no trabalho, dissemina-se entre os senhores na década de 1880 e, de maneira exacerbada, a partir do momento em que as fugas em massa dos escravos se tornam incontroláveis. Com a Abolição pura e simples, porém, a atenção dos senhores se volta especialmente para os seus próprios interesses. Os problemas políticos que os absorviam diziam respeito a indenizações e aos auxílios para amparar a “crise da lavoura”. A posição do negro no sistema de trabalho e sua integração à ordem social deixam de ser matéria política.

Tendo em vista aspectos da vida pessoal do escritor José Condé, como a sua constante presença no cenário literário brasileiro, desde os anos 40 até a década de 60, era de se esperar, até mesmo pela sua função de jornalista, sem negligenciar sua qualidade autoral, que estivesse presente em suas obras um reflexo da realidade no Brasil e a crítica discreta às condições básicas de vida que os negros tiveram (ou ao menos deveriam ter) pós Lei Áurea. Embora não fosse essa a preocupação central da obra condeana, o conflito existencial que sofrem os personagens da narrativa é produto de tais condições, demarcado e intensificado por um recurso natural (a chuva), ao qual foi atribuída a quebra da estabilidade na trama.

O processo de transformação social gerado pela *libertação* dos escravos contextualiza a obra *Santa Rita*, permitindo-nos atribuir um espaço temporal ao enredo. Já no primeiro conto, citado anteriormente, “O regresso”, o autor faz questão de mostrar o quão impactante foi este acontecimento; de tal forma que o Coronel da fazenda em voga recusa-se a aceitar que

os escravos já não estejam presentes, e continua a pensar que tudo permanece intocável, entrando em uma espécie de demência, por achar que tudo permanecia como antes. Quando questionado sobre como se viu após a abolição da escravatura, a resposta do Coronel é: “– As lavouras crescem, os negros trabalham, e Deus protege as minhas terras. Os cafezais florescem e perfumam as estradas. Você não o sente agora?” (CONDÉ, 1977, p.15). É de se esperar que o personagem-narrador fique confuso com esta reação, muito embora ele também nos confunda quando a chuva transforma o cenário, permitindo ao leitor pensar que tudo isto poderia ser alucinação.

Essa passagem na História do Brasil não tem ponto para orgulhar-se, já que este foi o último país independente do continente americano a abolir oficialmente a escravatura. O pano de fundo dos contos de *Santa Rita* são os anos que sucederam a Lei Áurea, e, neste percurso, é possível reconhecer o quanto este fenômeno jurídico mascarava interesses, tanto no tocante à população brasileira, quanto aos personagens literários, já que foi a chave para manipular e agradar a massa, seja na realidade física da nação, seja no enredo dos contos. Na ilusão de um estilo de vida que, para muitos, não seria possível, foi reproduzida a ideia ineficaz de que bastava libertar os negros da escravidão e eles seriam plenos e felizes, sem a preocupação do que vem após, já que muitos iriam perder moradia e alimentação.

A sociedade de classes se torna uma miragem que não lhes abre de pronto nenhuma via de redenção coletiva. Não lhes facilita, sequer, a subsistência, o esquecimento das supremas humilhações sofridas no passado remoto ou recente, e dignidade da pessoa humana. (FERNANDES, 2008, p. 76-77)

Além do mais, os senhores de engenho, grandes latifundiários, tiveram como válvula de escape para suas produções, após este acontecimento, a saída de substituir trabalhadores por máquinas ou por imigrantes. “Ansiosos por dias prósperos, viam na figura do imigrante europeu, a oportunidade de superar o atraso brasileiro” (NUNES, 2008, p.248). Se a lei traria benefícios, seria para a elite, negligenciando os pequenos proprietários, que não tinham condições de contratar os serviços dos imigrantes europeus, os quais, por sua vez, também foram explorados, tornando-se testemunhas oculares da miséria social enfrentada pelos negros nas ruas, sem muitas condições de sobrevivência.

Na câmara imperial, as vozes que se alteavam eram aquelas que tinham atrás de si um mundo ponderável de interesses, interesses fundamentados e positivos, reais e objetivos. Cansação do Sinimbu representava os engenhos alagoanos, onde sua família possuía bens e fortuna. Wanderley era a Bahia, com o seu cortejo de interesses. Os Cavalcanti e os Albuquerque, de Pernambuco, indicavam a nobreza dos engenhos que faziam a riqueza do tempo. E havia os fazendeiros

de Minas Gerais e os fazendeiros da província do Rio de Janeiro e os da província de São Paulo, e assim por diante. (SODRÉ, 1998, p. 55)

À medida que os contos se interpenetram, ou seja, no cruzamento de informações e correlações feitas em um conto com outro, é possível evidenciar aspectos e resquícios de personagens e acontecimentos que possuem a miséria como ponto em comum; e também a vida em uma cidade decadente, não desenvolvida, juntamente com o cenário de abandono e desesperança que assolam personagens pouco ou nunca favorecidos, quer pela economia do país, quer pela própria desgraça, na qual estão fadados a definharem. Embora sejam contos autônomos, com títulos próprios, apresentam interdependência e estabelecem relações entre cenários e personagens, por referenciar ou rememorar tramas e enredos já apresentados, *causos* e acontecimentos que se repetem ou se aproximam em semelhança e no mesmo espaço geográfico, ainda que estejam em momentos distintos da narrativa. Por existir uma ligação entre os contos e um elemento em comum às narrativas – as chuvas –, torna-se possível traçar o paralelo comparativo entre coisas e causas, entre contos e *causos*.

Os contos “João” e “O Negro”, além de serem situados no mesmo espaço temporal, possuem também semelhança entre enredos, cenários, recursos estilísticos de intensidade e características dos próprios personagens. No primeiro, não sabemos se João é negro, mas é possível imaginar que está fugindo por ter cometido um crime, mesmo que este crime não seja apresentado no conto. Ao pedir ajuda ao amigo Juvêncio, este alega possuir mulher e três filhos, e por esse motivo não pode correr risco de ajudar e ter o mesmo fim que o amigo procurado. No conto “O Negro”, Elesbão também está fugindo, e ele, de fato, cometeu um crime. Elesbão, o negro foragido que intitula a história, tem mulher e três filhos, e também possui uma consciência atormentada por uma história de vida conturbada. A chuva surge para causar reviravolta nas cenas que sucedem o ápice de ambos os contos. Em ambos, os foragidos morrem, o que nos deixa muito propensos a reflexões sobre os espaços em que estes ocupavam, na cidade imaginária e na sociedade, demarcados diretamente por um fator causal nítido na trama, a presença da chuva, para intensificar medos, angústias e solidões – as águas lavando a história da cidade morta que José Condé nos apresenta.

Já próximo do final da obra, o conto “O Negro” pode mostrar claramente o *poder* transformacional que o fator pluviométrico condensa à narrativa, permitindo um passeio do natural ao poético. Dividido em 16 capítulos, o conto já inicia a trama trazendo um céu nublado, talvez tão escuro quanto a pele do negro criminoso. Elesbão matou um soldado e fugiu. Além de procurado pela polícia, e também pelos moradores comovidos com a fatalidade, este homem sofre todos os conjuros de uma consciência atormentada. Logo que

surge a notícia da morte no conto, em suas primeiras linhas, a natureza e todo o ambiente que faz parte do cenário incorporam atitudes condizentes com o acontecido. Na noite, não havia qualquer tipo de barulho, “a não ser o **martelo** dos sapos e a **serra** dos grilos, nenhum outro ruído perturba o silêncio que desceu com a noite” (CONDÉ, 1977, p.119 – grifo nosso). Percebamos que as palavras “martelo” e “serra” podem, facilmente, ligar-se a uma conotação de jugo.

Já na primeira parte, o céu se armando para chover evidencia que algo impactante está para acontecer. Segundo o reverendo, única pessoa que acreditava em uma redenção do ex-escravo, “tudo isto é uma tristeza” (CONDÉ, 1977, p. 121). O céu se apresenta como se também estivesse envolvido na trama. Ele dá oportunidade para reflexões profundas, permitindo que o indivíduo se distancie, isto é, se isole em pensamentos ou em matéria, para que tenha uma relação mais íntima com a natureza e com o que ela pode provocar. O aspecto plúmbeo intensifica os pensamentos, porque o cinza dá impressão de indecifrável, desconhecido, a própria cor sendo uma indefinição entre o preto e o branco. Ninguém pensa, por exemplo, em morte associada à cor rosa, porque também esta possui uma série de conotações em sua bagagem cultural que lhe atribuem outros significados não trágicos.

O padre, crédulo na mudança das pessoas, quando questionado sobre como sucedera o acontecido, explica que Elesbão era oriundo da lavoura, que nunca soubera fazer nada além de arar a terra e bater a enxada, e que, por estes motivos, era de se esperar que o indivíduo cometesse algum crime; não necessariamente ceifar a vida de alguém, mas, naturalmente atormentado pelas necessidades, era justificável a sua rebeldia. Esta se faz realidade, não só para Elesbão, mas também para muitos ex-cativos, “negros de eito”, que foram jogados na “sarjeta social”, após a abolição da escravatura. Se não havia trabalho na cidade, por não deterem conhecimento sobre um ofício além do manejo de terra, era de se esperar que as pessoas, ao serem privadas de necessidades básicas, cometessem atrocidades.

Diante do negro e do mulato se abrem duas escolhas irremediáveis, sem alternativas. Vedado o caminho da classificação econômica e social pela proletarização, restava-lhes aceitar a incorporação gradual à escória do operariado urbano em crescimento ou se abater penosamente, procurando no ócio dissimulado, na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuita meios para salvar as aparências e a dignidade de “homem livre”. (FERNANDES, 2008, p.44)

Muitos abolicionistas, alguns escravocratas, expuseram uma terceira alternativa ante a escravatura e a abolição: propuseram uma “abolição gradativa”. Alegou-se um meio termo, uma subsistência mínima para os ex-cativos, e, claro, pensava-se muito mais na administração

do prejuízo financeiro que teriam os senhores de escravos. Em 13 de julho de 1871, o jornalista e escritor cearense José de Alencar, Deputado-geral da província do Ceará, chama de retrógrados os Liberais (a favor da abolição completa e instantânea), que, segundo ele, pretendiam:

Recuar o progresso do País, ferindo-o no coração, matando a sua primeira indústria, a lavoura (...). Entendeis que libertar é unicamente subtrair ao cativo, e não vos lembrais de que a liberdade concedida a essas massas brutas é um dom funesto (...). Não basta para vós dizer à criatura, tolhida em sua inteligência, abatida na sua consciência: “Tu és livre; vai; percorre os campos como uma besta fera!...” (...). Nós queremos a reabilitação daqueles que um erro do passado abateu; vós quereis a emancipação por uma simples vaidade; para vós a liberdade não é senão o combustível que acenderá a luz de vossa glória, de reformadores e propagandistas. (ALENCAR, 1977, p.228-229)

Diante desta situação o negro Elesbão, criminoso, pai de três filhos, é apenas o produto de uma sociedade estratificada, o fruto da decadência do modo de produção escravocrata e da falta de prosperidade econômica.

Ao padre João coube o papel de intervir pelas almas necessitadas, e, dentre elas, profetizar iluminação divina no caminho de Elesbão, que muito pouco ou até mesmo nunca tenha reconhecido ou valorizado os esforços que o reverendo fizera, ao tentar colocá-lo em um caminho civilizado, que talvez lhe permitisse inserir-se na sociedade, e ser visto como civil e cidadão comum.

E começa a pensar nas dezenas de outros negros que, anos antes, a abolição atirara nas ruas de Santa Rita. Haviam abandonado as fazendas onde mourejavam, à procura de ocupação na cidade. Mas, onde encontrar trabalho para tanta gente? Os que já conheciam um ofício qualquer – sapateiros, carpinteiros, ferreiros, funileiros – bem ou mal conseguiam se arranjar. Que poderiam fazer, no entanto, os outros, aqueles que sabiam apenas manejar a enxada e a foice, acender coivaras, plantar e colher café? (CONDÉ, 1977, p.126-127)

Ante estas reflexões do padre, o temporal, que estava prestes a cair, ganha uma conotação mórbida e melancólica, o prenúncio de chuva faz lembrar, a todo o momento, a ameaça que também sofre a vida do negro foragido. Os ventos continuam fortes, trazendo à memória de alguns personagens um tempo, outro dia ou outras épocas, em que a inspiração que a chuva traria seria apenas para os poetas e plantadores, deslumbrados com as plantações verdes e vívidas, que esperavam a colheita no porvir. A natureza, por sua vez, parece posicionar-se a favor de Elesbão: quando as pessoas se arrumam para caçar o negro, o céu também se prepara para mandar sua chuva mais intensa. O vento passa a “investir contra

casas e criaturas”, e quando se ergue um redemoinho, por um momento, ele “pareceu querer engolir as casas, os homens, o ódio destes contra o negro fugido, e a própria noite.” (CONDÉ, 1977, p.127)

“Longe, para os lados da estrada velha, do rio e do cemitério, os relâmpagos continuam riscando o céu, e o trovão reboa, seco e distante, nas entranhas das nuvens” (CONDÉ, 1977, p. 127). Quando a saída das pessoas em busca do foragido se efetiva, de longe a natureza também se manifesta ao fazer os relâmpagos riscarem os céus, e o trovão retumbar das “entranhas da nuvem”, causando uma antropomorfização de um elemento natural para atribuir ligação direta com o ponto chave do enredo. As entranhas da nuvem remetem, portanto, às entranhas do soldado assassinado.

Um estampido seco explodiu entre as nuvens e a chuva caiu em seguida. Chuva grossa que o vento sacode enraivecida contra o telhado do casario, contra o oitão da igreja, contra os lampiões das esquinas, e que escorre em grandes goteiras dos beirais dos sobrados. Adiante, do outro lado do rio, onde começa a mata, o temporal dilacera galhos de árvores e espanta os bichos noturnos. (CONDÉ, 1977, p.128)

A partir do momento em que a chuva se concretiza em fenômeno agitado e violento, o conto assume um caráter mais denso. Uma narrativa com tensões, reviravoltas emocionais, banhada por um fluxo emocional intenso. A chuva que, desde o início do conto, preparava-se para cair, efetiva-se somente no quarto capítulo. É interessante perceber que, após essa mudança de cenário, muda também o foco narrativo, passando agora a mostrar o personagem-protagonista em seus anseios e inseguranças. A consciência do negro ganha espaço para nos apresentar as perturbações que atormentam a mente deste indivíduo.

Poderíamos comparar com as ondas do mar, em seu fluxo de idas e vindas, a movimentação sentimental de toda a história. Na brutalidade da chuva grossa e violenta que molha Santa Rita, é perceptível uma espécie de incorporação, por parte do aguaceiro, desse sentimento de revolta que assola toda a cidade. Os fluxos de consciência do personagem protagonista são intensos e nos levam em uma viagem temporal, que nos possibilita compreender as problemáticas pertinentes à construção de sua personalidade.

Apresentado como um personagem perturbado por memórias de um tempo antigo, o negro Elesbão nos faz refletir sobre temas que vão do íntimo do ser, como seus sentimentos e relacionamentos familiares, às esferas mais amplas, como a condição social dos moradores de Santa Rita. Esse passeio só é possível através das águas, que nos permitem caminhar por toda

a história, sem precisar interferir ou sair do tempo real em que acontece a trama. Como ilustra Condé (1977, p.130):

No entanto, agora que se vê perdido, a mata parecendo fechar-se sobre ele, a deixá-lo impotente e fora de si [...] Absorvido pelas lembranças, não percebe que a chuva passou por completo e que parou de ventar [...] Se ao menos não sentisse aquelas dores, aquele vazio na alma e aquela solidão!

Através do trecho acima, fica claro o estado psicológico, atormentado e envolto por vazios e nostalgia, do negro Elesbão. A chuva permite-lhe imersão em seus pensamentos, de modo que nem percebe quando ela já não existe mais, restando-lhe apenas os anseios emocionais que frustram o homem.

Os diversos estados físicos da água nos permitem uma conotação simbólica que se estende ao próprio estado de espírito dos indivíduos que se relacionam com este fenômeno da natureza. Mas não somente como fenômenos isolados, a natureza, como um todo, já provoca uma reação de causa e efeito dentro da narrativa condeana. Especialmente no conto “O Negro”, a natureza se coloca como demarcador plástico de impacto na trama.

Põe-se a andar tão depressa que não vê o galho que lhe golpeia o rosto. Dá um grito. Mas o grito não foi dele, foi do outro. Corre, então, embora saiba que é inútil fugir: o olhar do soldado o segue, as mãos crispadas sobre o ventre parecem crispar-se dentro do ventre dele, Elesbão. Corre, corre cada vez mais. E, quando uma raiz lhe impede a passagem, nela esbarra e cai numa poça de lama. Chora e geme. (CONDÉ, 1977, p.131)

A natureza, portanto, permite que as alucinações tomem conta de Elesbão, à medida que se torna cada vez mais selvagem. O negro, em sua fuga, adentrando cada vez mais na mata fechada, coloca-se em uma posição indefesa, numa posição em que o choro já não é tão somente de lamento, mas visceral, regado de gemidos. Quando a natureza lhe toca fisicamente, através de galhos e raízes, leva-o ao chão, literalmente. Essa queda simboliza para além de sua situação miserável, aponta para a máxima de que o homem não domina a natureza, faz parte dela. A mãe-natureza acalenta a quem chora e geme, envolvendo-o em seus ramos, guardando-o em seus elementos.

Não por acaso, essa chuva grossa, que inunda o quarto capítulo do conto “O Negro”, transforma os ânimos, já alterados, e surpreende, ao trazer Rita, a esposa do fugitivo, também escravizada outrora, desejando que o senhor de engenho, ao qual pertenceram ela e o marido, ainda estivesse vivo e tomasse as cabíveis providências. De certa forma, esse regresso é justificado pelos fins que tomariam as coisas: ao ir para o tronco, Elesbão tinha possibilidade

de continuar vivo; mas ao ser pego, nesta caça infinda do delegado Xinó com moradores da cidade, é pouco provável que continue a viver. As recordações de tempos passados, entretanto, só agradam a Rita, pois, quando o negro foragido relembra da fazenda, onde fora escravizado, e de todos os personagens antagonistas na história da luta das raças (o capataz, o feitor, o capitão do mato), a visão o apavora. Mais pavor ainda surge, quando, no meio destas recordações, vem a lembrança de seu pai chicoteado no tronco e sua mãe abusada pelo feitor cigano.

O crime cometido pelo negro, nesta história lamentável, pode ser justificado pela sua triste infância e vida miserável? Em especial neste caso, os meios justificam os fins? O negro Elesbão é substrato de um sistema em que a elite impera e quem teve a infelicidade de não nascer dentro dela ou com tom de pele que a agrada estava predestinado ao fracasso, à miséria.

(...) as humilhações, os ressentimentos e os ódios, acumulados pelo *escravo* e pelo *liberto* sob a escravidão e exacerbados de forma terrível pelas desilusões recentes, lavraram destrutivamente o ânimo de negros e mulatos. Tudo contribuía para aumentar sua insegurança, natural numa fase de mudanças tão bruscas, e para agravar ansiedades e frustrações que não podiam ser canalizadas “para fora”. (FERNANDES, 2008, p.64)

Quando o foco narrativo centra-se em Elesbão, percebemos suas forças se esvaindo. Quando o cansaço se apodera de seu corpo, há uma entrega mútua: entrega-se à natureza, por já não ter mais forças, e a natureza o acolhe, em seu papel de mãe. Mais uma vez, nos contos de José Condé, percebemos que os elementos naturais possuem forte ligação com os estados emocionais na trama. Como se incorporassem os ânimos e sensações, a natureza oferece todo um aparato para acolher as emoções em demasia.

A terra molhada exala o seu cheiro selvagem. É boa a sensação que o invade. Com a cabeça recostada num tronco de árvore, fecha os olhos e adormece. Não por muito tempo, é verdade, mas aqueles minutos foram suficientes para fazê-lo esquecer a existência dele mesmo e do mundo. (CONDÉ, 1977, p.137)

A natureza é o elemento capaz de transportar-nos, em tempo e espaço, caracterizando-se então como *elemento transportador*, isto é, nos leva além do estado em que nos encontramos. Neste momento específico, consolida seu papel maternal, acolhendo o negro em seu ambiente, fazendo-o se reconhecer como parte do todo e assim adormece-o, como se fosse a sua própria mãe. Entretanto, embora a natureza o aceite, os elementos naturais, em contato com os sentimentos, produzem um efeito nostálgico, uma espécie de tristeza pela falta de

algo, e este ponto se concretiza na voz do narrador ao falar que “a noite e a solidão velam o mundo, mas aumentam a sua angústia” (CONDÉ, 1977, p.137)

A chuva só faz piorar a situação do negro. Ainda influenciando os ânimos de todos, já que foi por Condé escolhida para simbolizar os diversos aspectos de intensidade actancial da narrativa, traz para a questão o ódio que o delegado Xinó está sentindo.

Nunca odiou alguém como odeia agora o negro Elesbão. Por causa do miserável está no meio da mata, ao relento, com a roupa ainda encharcada de chuva, morto de frio e de cansaço, sem saber em que vai dar tudo isto. “Mas o filho da égua me pagará caro”. (CONDÉ, 1977, p.140-141)

Por estar encharcado, no meio da mata, à procura de alguém que nada garante encontrar, o desejo deste personagem se funde com seus anseios pessoais, à medida que se coloca frente a esta situação incômoda, de madrugar dentro de uma floresta, com condições precárias para a busca policial; a autoridade e seus ajudantes, os moradores da cidade, alguns que nunca sequer viram o negro que estão a procurar, colocam Elesbão frente à morte e o leitor ante a indagação: quantos foram aqueles que compraram a briga, no lado contra os negros, sem nem saber a que causa estava aderindo? “Voltando-se para Haroldo, o farmacêutico Arnaldo Maneta diz: – Afinal de contas, por que me meti nesta trapalhada? Se bem me lembro, nunca vi na vida o tal negro...” (CONDÉ, 1977, p.151). A aparição do farmacêutico comprova esta ideia.

“Nada mais existe: sofrimento, amor, tristeza, alegria. Ele mesmo talvez não passasse de uma sombra, sem raiz que o prenda ao mundo” (CONDÉ, 1977, p.143). É nessa atmosfera depressiva em que o oitavo capítulo da história do negro Elesbão se inicia. Já nada mais resta ao negro: está fugindo, procurado por assassinato, longe de casa e da família, rodeado, cada vez mais, pela mata espessa e indomada, na qual ele se aprofunda em sua correria. Em determinado momento “deita-se no chão úmido” que absorve suas energias, permitindo que as recordações de um passado distante voltem aos seus pensamentos; neste momento, já não é mais importante o destino que terá, e ele assume um posicionamento de indiferença ao porvir. Lembra-se da casa-grande, do pai e da mãe, nos tempos de escravidão, e das cenas lamentáveis; condenava o feitor por ser do lado dos brancos. Apenas agora é possível ao leitor descobrir o real motivo que levara o negro a cometer o crime.

Durante muitos anos, Elesbão fora atormentado por pesadelos repetitivos, que sempre o fazia lembrar as cenas da casa-grande. Agora, porém, existia um bicho, “seria um bicho ou um homem, com aquele corpo peludo, os chifres e as chamas que saíam da sua boca?” (CONDÉ, 1977, p.145). Elesbão, para salvar a mãe, Benvinda, do ataque do bicho, arma-se

com uma faca e o mata, cravando a faca em seu coração. Quando morre, o animal exala um cheiro horrível, e foi esse o mesmo cheiro que saiu da boca do soldado, ao gritar com Elesbão.

Lembra-se, de repente: “Foi o mesmo fedor que eu senti quando o soldado avançou pra mim e abriu a boca pra gritar comigo...” É a cena se repete em todos os seus detalhes: vê a cara do soldado quase rente à sua, seus dentes estragados, os olhinhos maus pregados nele, Elesbão; sente o bafo podre que escapa da boca quando lhe diz que vá fazer a faxina. Depois, a bofetada, a vista que escurece, subitamente, o sabre na mesa – e ele, como um louco, avançando para cima do sujeito... (CONDÉ, 1977, p.146)

É este fedor insuportável que leva Elesbão a cometer o crime. O cheiro entra nele, pelas narinas dilatadas e o possui, numa forma simbólica de tocá-lo profundamente, de fazer com que ele incorpore estes sentimentos de desgraça e sedimento a miséria que o animaliza. A imagem da boca podre dando uma ordem provoca náuseas na razão do negro. Fora de si, ele tenta acabar com essa tortura, exterminar esse cheiro imundo, e acaba cometendo o crime, confirmando, assim, quanto o ambiente influencia os ânimos do personagem e o desenrolar da trama.

Ao final do décimo capítulo, apresentam-se recordações agora não mais apavorantes: um dos filhos do Senhor Felipe, que foi dono de Elesbão e sua família, lembra tão somente da casa grande, das festas e da boa vida que gozavam os grandes latifundiários. Como o próprio Albérico relata, ao pensar em um mundo que era de um tempo tão próximo, e, no entanto, desaparecido para sempre. Evidentemente, quando o foco narrativo é em Elesbão, não é possível que, nas memórias da escravatura, o negro lembre-se da casa grande, pois o que vivenciou foi a senzala.

(...) qualquer dia deste morro e fico aqui apodrecendo também como a casa-grande dos brancos e a senzala dos negros, porque tudo está apodrecendo. Acabou-se o tempo antigo, e o que foi, deixou de ser, e não volta mais. Tá vendo lá a casa-grande? Pois anda tão triste como o cemitério aqui. Agora o sinhô grande é o mato, que tomou conta de tudo. (CONDÉ, 1977, p.162)

Mato é uma conotação negativa às plantas que surgem espontaneamente em espaços de plantação, muitas vezes em momentos indesejados; também conhecidas como *ervas daninhas*, espécies típicas de períodos chuvosos. Se as chuvas representam o núcleo emocional, como elemento intensificador, na obra de José Condé, o mato tomar conta de tudo condensa a sentimentalidade do tempo decadente. *Os dias antigos*, que fazem parte das *histórias da cidade morta*, estão servindo como composto orgânico na adubação de tempos que virão. *Santa Rita* é uma obra que sedimenta o fim.

A chuva surgiu na trama para mobilizar a subjetividade daqueles que por ela são influenciados. Ao final do conto, o negro Elesbão já não vê mais razão para continuar fugindo dos que o perseguem, e passa a contemplar a natureza, debaixo do sol, que nasce com o dia amanhecendo, e permite que esta visão embale seus sentimentos.

Elesbão senta-se na relva e, olhando em frente, vê lá em baixo, logo depois do barranco, o rio que segue sem pressa, largo, imenso, fazendo uma curva. Somente neste instante descobre a manhã. Folhas gotejam sobre sua cabeça e o ar frio e penetrante o revigora por momentos. Sente-se até em paz consigo mesmo. E, tornando a ouvir o latido dos cães e os tiros que se repetem em breves intervalos, não se perturba e não pensa em continuar fugindo. (...) Contempla esquecidamente o rio. Sabe que jamais alcançará a outra margem. O pensamento, no entanto, não o entristece. (CONDÉ, 1977, p.177)

Esse encanto de Elesbão pelo rio é um recurso que nos permite uma correlação com algo que Gaston Bachelard (1997, p.82) define como *Complexo de Caronte*. “A barca de Caronte será assim um símbolo que permanecerá ligado à indestrutível desventura dos homens. Atravessará as épocas do sofrimento.” Esse rio tem poder entorpecente sobre Elesbão, porque dá a oportunidade de lavar sua existência, de mergulhar de vez nas profundezas da existência, através da maior das viagens: a morte. Essa alma frustrada seria levada na barca, para mergulhar de vez no esquecimento, acabando-se o sofrimento.

A Morte é uma viagem e a viagem é uma morte. “Partir é morrer um pouco.” Morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio. Todos os rios desembocam no Rio dos mortos. Apenas essa morte é fabulosa. Apenas essa partida é uma ventura. (BACHELARD, 1997, p.77)

Quando encontrarem o negro, que já não se preocupa mais em fugir, o matarão, e isto não demorará em acontecer. Ainda assim, Elesbão se permite contemplar o curso d’água, que corre abaixo do barranco onde se encontra. O negro entrega-se ao rio, e essa entrega é plena, pois sabe que não sairá vivo. Procura o local mais profundo e de lá admira os homens, acima do barranco, com armas na sua mira. Morre alvejado e mergulha com a mão erguida, o que sugere um gesto de “adeus ou ameaça”. Leva consigo uma história cheia de percalços e coloca o elemento água em uma representação poética e fúnebre, o que nos permite refletir ainda mais a respeito de sua influência nas narrativas condeanas.

A água fechada acolhe a morte em seu seio. A água torna a morte elementar. A água morre com o morto em sua substância. A água é então um *nada substancial*. Não se pode ir mais longe no desespero. Para certas almas, *a água é a matéria do desespero*. (BACHELARD, 1997., p.95)

A despeito da poeticidade triste da morte do negro Elesbão, Condé, ao decorrer dos acontecimentos expostos em *Santa Rita*, tencionou apresentar reflexos de uma legislação demagoga e populista, mostrando o quanto foram reais conceitos e comportamentos que hoje feririam os direitos humanos constituídos.

Considerações finais

O presente estudo não é apenas para salientar determinado papel na vida coletiva, mas também apresentar um elemento natural como fator estatístico de influência na narrativa, já que a literatura “é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (CANDIDO, 2011, p. 63).

Levando em consideração a sociedade em que a obra literária é produzida, atribuímos uma estreita relação de influência ambivalente, à medida que uma modifica a outra. A literatura aborda os mais diversos aspectos, sejam naturais, sociais, políticos ou psicológicos. O ambiente influencia várias dimensões da trama, demarcando a poeticidade e ressaltando a ligação homem/espaco-ambiente, sendo este espaco a principal influência para seus devaneios e introspecção.

A presença constante das chuvas como elemento narrativo transporta o leitor para além de alguns questionamentos, para um patamar de intimidade, não somente com a obra e seus acontecimentos, mas também uma possível leitura a respeito de aspectos pessoais da vida, sobretudo a infância do autor José Condé. Através disto, torna-se possível o mergulho no vazio da vida em geral e dos personagens em particular; uma análise por vezes melancólica, mas que, em sua essência, traz aspectos do cotidiano, especialmente do Nordeste brasileiro.

A frequência com que esse elemento da natureza (chuva) está presente na obra condeana, e as circunstâncias em que aparece, o constituem como recurso estilístico, não só pelo caráter estético legado à narrativa, mas pela capacidade de sugestionar emoções, através de certas fórmulas e efeitos de estilo, desde as explosões emotivas até a indiferença dos personagens e da própria cena. Além de estarem situados em uma localidade que só tende a definhá-los, os personagens, que compartilham o mesmo cenário mórbido, também têm em comum o sentimento de abandono e desesperança, demarcado por um índice pluviométrico

que intensifica e realça os sentimentos e sensações ali pré-estabelecidos. Essa significância perpassa os planos materiais e simbólicos, permitindo uma reflexão sobre a relação do homem com o ambiente em que vive, e com os demais seres habitantes do mesmo espaço. O espaço torna-se testemunha do passado, resultado de acumulação de tempos, como aponta Santos (2004, p.54):

Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidade variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.

Os efeitos actanciais, oriundos da utilização da chuva, tornam-se elemento sinalizador e simbólico à emoção dos personagens e à plasticidade do cenário, transformando-se em uma força literária determinante aos momentos de intensidade na narrativa. *Santa Rita: Histórias da cidade morta e Os dias antigos* é não somente um registro ficcional do cotidiano, mas também uma realidade palpável e visível, que fez e faz parte da vida de inúmeros habitantes, dentre eles muitos conterrâneos de Condé, que viveram/vivem nas regiões secas, sobretudo no Nordeste do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Discursos parlamentares de José de Alencar** – Deputado-geral pela província do Ceará (1861 a 1877). Brasília: Câmara dos Deputados, 1977.
- BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos**: Ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRAGA, E. F. **Literatura e Ecologia** – A pentalogia *La Guerra Silenciosa* de Manuel Scorza. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. São Paulo: Poeteiro, 2015 [livro digital, disponível em <http://www.projetolivrolivre.com/Tratados%20da%20terra%20e%20gente%20do%20Brasil%20-%20Fernao%20Cardim%20-%20Iba%20Mendes.pdf>] Acesso em 01/08/2016
- CONDÉ, J. **Santa Rita: Histórias da cidade morta e Os dias antigos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**: o legado da raça branca. Vol. 1. 5 ed. São Paulo: Globo, 2008.
- FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Trad. de Orlando Neves. 2 ed. Lisboa: Editora Ulisseia, 1963.
- NUNES, G. P. A. “A Integração do Negro na Sociedade de Classes”: uma difícil via crucis ainda a caminho da redenção. **Cronos**, Natal, v. 9, n. 01, p.247-254, jan./jun. 2008.
- QUEIROZ, R. **O Quinze**. 102 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- SODRÉ, N. W. **Panorama do Segundo Império**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1998.